

DA CONFIANÇA À DOMINAÇÃO. UMA NOVA ABORDAGEM DE TIM INGOLD AO TEMA DO SURGIMENTO DA DOMESTICAÇÃO*

por

Gonçalo Amaro**

Resumo: Tim Ingold transmite-nos, no quarto capítulo do seu livro (Ingold, 2005), a sua experiência com povos que habitam na região do círculo polar ártico. De esse estudo e convivência o antropólogo inglês pode verificar a existência de um “sistema” de relação entre humanos e restantes animais, um modelo baseado sobretudo na igualdade de ambos os seres perante a natureza, competindo os dois pela subsistência. A passagem do modo de confiança para outro de dominação, marca, segundo o ponto de vista do autor, a transformação que originaria a transição da forma do Homem se relacionar com os animais, “levando-os” assim à domesticação.

Palavras-chave: Tim Ingold; caçadores-recolectores; subsistência.

Abstract: Tim Ingold transmits us, in the fourth chapter of his book (Ingold, 2005), his experience with peoples that inhabit the circumpolar arctic region. From that study and coexistence the British anthropologist could verify the existence of one “system” of relation between humans and the rest of the animals, a model based mainly on the equality of both beings in their environment, competing equally for subsistence. The passage of the way of confidence for another one of domination marks, according to the point of view of the author, the transformation that would originate the transition in the way humans related to animals, “taking them” to domestication.

Keywords: Tim Ingold; hunters and gatherers; livelihood.

“O facto humano por excelência não é tanto a criação do utensílio mas talvez a domesticação do tempo e do espaço, ou seja, a criação de um tempo e de um espaço humanos”

(Leroi-Gourhan, 1987: 121)

* Este texto tem por base uma “recensão” efectuada ao 4º capítulo do livro de Tim Ingold *The Perception of the Environment*, apresentada no Seminário de Reflexão Interdisciplinar 2004. Tim Ingold: Percepção e Meio – realizado na Fundação Engenheiro António de Almeida, Porto, 20 e 21 de Dezembro de 2004. (Coord. de V. O. Jorge)

** Doutorando da Universidad Autónoma de Madrid.

É precisamente sobre esta “excelente criação”, realçada acima por Leroi-Gourhan, que se desenvolve *The Perception of the Environment* (Ingold, 2005). Esmiuçando nas profundezas do ser, Tim Ingold transmite-nos, partindo de um pré-tempo e pré-espço humanos, uma visão global dos factores que interligam os povos ditos primitivos – grupos de caçadores recolectores – com o meio-ambiente.

O capítulo sobre o qual nos iremos debruçar: o quarto (*From trust to domination. An alternative history of human-animal relations*) encontra-se integrado na primeira parte do livro denominada de *livelihood* (subsistência). Grosso modo os oito capítulos, que compõem esta primeira divisão do livro, indicam que existe uma íntima relação entre o Homem e o próprio ambiente. O *homo sapiens* não é o ser por excelência, mas sim mais uma “criatura” como as outras que habitam o mundo, vivendo no mesmo plano e dialogando com os seus intervenientes. Ao contar uma recordação da sua infância; as longas caminhadas que fazia com o seu pai pelo campo, onde experimentava sabores, cheiros e cores (Id. *ibid*: 20), Ingold pretende transmitir essa essência humana, hoje em dia a desaparecer na sociedade ocidental, de testar, e sentir a Natureza – ao fim ao cabo fazer parte dela.

A forma como o autor inicia o quarto capítulo evidencia a base do seu estudo, ou seja, a contraposição da ideia preconcebida de que o Homem encabeça a Natureza. Para este tipo de sociedades caçadoras-recolectoras não faz sentido a colocação do ser humano num plano distinto do ambiente envolvente, mas sim no mesmo plano. Sendo assim a investigação da relação humano/animal não deve ser orientada exclusivamente sob o ponto de vista do primeiro: “Just as humans have a history of their relations whit animals, so also animals have a history of their relations whit humans. Only humans, however, construct *narratives* of this history” (Id. *ibid*: 61).

Ingold opta por organizar o seu discurso em três fases: *Humanidade, natureza e caçadores-recolectores; como se relacionam os caçadores e recolectores com o seu meio-ambiente e da confiança à dominação.*

A primeira tem um cariz introdutório, o autor pretende, a jeito de enquadramento, traçar um panorama geral dos dois intervenientes principais; o Homem e os animais, explorando o que os diferencia e os que os une.

Do ponto de vista do pensamento ocidental existe uma separação clara entre Humanidade e Natureza, entre o Homem – a espécie eleita – e os restantes seres vivos. A raiz desta partição advém, segundo Ingold, da própria dicotomia entre selvagem e doméstico. Sendo interessante verificar o paralelismo proposto por Darwin, ou seja, o selvagem seria o bravo (a natureza no seu estado puro) e o doméstico o civilizado (o Homem e a sua organização). A palavra “doméstico” tem de facto a sua razão de ser, isto se entendermos que a distinção do ser humano em relação aos outros seres vivos é a sua capacidade, de “transcender” a Natureza – a capacidade de intervir e modelar sobre a mesma... domesticá-la. Contudo, verificamos, com o decorrer da leitura, que a ideia de transcendência, faz pouco sentido. Compreendendo o processo de domesticação notamos que este pouco tem a ver com um procedimento de intervenção por parte do Homem: “above all, humans cannot *create* novel variants, but can only select retroactively from those that arise spontaneously” (Id. *ibid*: 64) desta forma seria mais um procedimento de controlo da criação de animais e plantas, do que propriamente um procedimento de intervenção e molde desses mesmos seres.

Outra questão essencial prende-se com a integração dos caçadores-recolectores nos dois termos ocidentais acima referidos: Humanidade e Natureza. Como seres humanos que

são – provado que está que todos pertencemos à grande família *homo sapiens* – faz todo o sentido integra-los no primeiro termo. Porém, os caçadores não dispõem dessa “arma” que é a domesticação, estes Homens não dominam o seu meio-ambiente, vivem em igualdade para com ele “lutando” com os outros animais pela sobrevivência, encontrando-se assim numa espécie de vazio entre o humano e o natural. Podemos então antever uma possibilidade de os caçadores-recolectores se apresentarem como o *missing link* neste espaço entre Humanidade e Natureza.

De facto, na fase seguinte o autor demonstra-nos essa situação através da forma conseguida como nos dá a conhecer a vida destes grupos, que é, em parte, uma vida de comunhão com a Natureza.

À semelhança do que foi feito no início do ponto anterior, Ingold introduz-nos alguns exemplos de “pré-conceitos” ocidentais (o antropólogo detém uma capacidade extraordinária de “desconstruir mitos”). Começa por “colorir” o quadro negro que se supõe ser a vida dos caçadores-recolectores, em permanente míngua de alimentos, mostrando que, pelo contrário este indivíduos vivem na abundância: “for hunter-gatherers who know-how to get it, food is always abundant. There is no concept of scarcity” (Id. *ibid*: 66). Tomamos conhecimento que estes indivíduos detêm um óptimo saber do espaço envolvente, e mantêm um grande equilíbrio em termos alimentares – a comida é distribuída por todo o grupo e consumida no momento; o armazenamento não ocorre porque atrasa a mobilidade: “Stored surpluses impede mobility, and given that food is all around in the environment, hunter-gatherers treat the environment itself as their storehouse, rather than setting aside supplies of harvested food for the future” (Id. *ibid*.). Existe assim como que uma cumplicidade com a natureza por parte destas populações. A caça é consentida pelos próprios animais, que são, na sua essência respeitados pelo Homem que tenta não perturbar e danificar o equilíbrio com o meio-ambiente. Todavia, esta noção de cuidado em nada tem que ver com as concepções, agora muito em voga no Ocidente, do dever do Homem de proteger a Natureza. No caso dos caçadores-recolectores devemos pôr de parte essa concepção. Para estes a afirmação anterior não faz sentido, eles fazem parte da Natureza e não se consideram em nada responsáveis pela extinção desta e das suas espécies, antes pelo contrário vêem na Natureza a capacidade de os extinguir a eles.

Ingold demonstra-nos assim que a separação – convenção ocidental – entre Humanidade e Natureza não tem razão de existir para os caçadores-recolectores (da mesma forma que nós os integramos com dificuldade na Humanidade, também eles aceitam reticentemente a ideia de que são independentes do ambiente), estas sociedades não distinguem estes dois mundos: “There is one world, and human beings form a rather small and insignificant part of it.” (Id. *ibid*: 68) – assim entendem.

A domesticação passou em parte por aqui, por este relacionamento “saudável” entre seres humanos e animais, Ingold introduz a palavra confiança para elucidar esta relação. Confiança (*trust*) funciona como arranque da tese proposta pelo autor, é dela que se parte para uma situação de dominação – é precisamente sobre esta passagem que se desenrola a última fase do capítulo.

Para o autor a confiança consiste na combinação de dois factores antagónicos, autonomia e dependência: “To trust someone is to act with that person in mind, in the hope and expectation that she will do likewise – responding in ways favourable to you – so long as you do nothing to curb her autonomy to act otherwise” (Id., *ibid*: 69). Esta relação praticada

entre os membros do grupo passa também para o ambiente. O caçador depende do animal para sobreviver e por conseguinte deve cuidar dele assim como este também cuida do caçador. Tendo em conta que se estabelece uma relação de igualdade, a ideia não é controlar o ambiente, mas sim controlar a sua relação com o mesmo.

Os pastores e agricultores também necessitam dos animais para sobreviver, contudo, a estratégia usada é diferente, não existe uma reciprocidade entre o Homem e o animal, mas sim uma dominação por parte do primeiro: “These principles of relationship are mutually exclusive: to secure the compliance of the other by imposing one’s will, wheter by force or by more subtle forms of manipulation...” (Id., *ibid*: 73) Ingold considera que esse acto de mando pode ser comparado à escravatura, em parte porque é perdida a autonomia, no entender de Richar Tapper (citado pelo autor): “individual animals are taken out of their natural species community and subjugated to provide labour for the human production process...” (Id., *ibid*.). Com alguns exemplos Ingold desperta o leitor para a existência de uma paridade de comportamento na relação senhor/escravo e Homem/animal. É nos dado a entender que na antiguidade, nomeadamente no Médio e Próximo Oriente, existia uma relação de recursos dominados, tanto humanos como animais, semelhante (Id., *ibid*: 74).

Creio que, com tudo isto, Ingold consegue provar que a separação entre Humanidade e Natureza tem impedido a percepção do fenómeno da domesticação: “I am suggesting that we rewrite the history of human-animal relations, taking this condition of active engagement, of being-in-the-world, as our starting point” (Id., *ibid*: 76). Os seres humanos e restantes seres vivos caminharam lado a lado nessa transformação, primeiro numa relação de confiança – de humano para humano e de humano para animal – e depois numa relação de dominação (volto a frisar) – de humano para humano e de humano para animal.

A deslocação do plano sobrenatural do Homem, em relação ao Mundo, (onde foi colocado pelas concepções ocidentais) para o plano terrestre é sem dúvida um aspecto evidente nestas culturas que vivem ainda com fortes laços em relação à natureza e que o autor estudou. Ingold destaca frequentemente os malefícios do acto de inculcar o pensamento ocidental – impregnado de modernidade – na interpretação dos costumes de outras culturas, obviamente em outro estádio, não tanto no sentido de evidente e pejorativo estádio evolutivo mas sim no âmbito do simbólico e interpretativo. Urge consequentemente apreender que a interpretação das culturas vivas e mortas – das quais apenas subsistem casos e estruturas – que não nos deixam ou deixaram “dados” escritos em papel, ganha bastante com uma abordagem alternativa à historicista, isto é, em larga medida etnográfica, sem que a base seja a imposição de uma cultura (a nossa) sobre a outra.

BIBLIOGRAFIA

- Companion Encyclopedia of Anthropology. Humanity, culture and social life*, (2002). dir. Tim Ingold, London and New York, Routledge.
- INGOLD, Tim (2005). *The Perception of the Environment. Essays in livelihood, dwelling and skill*, 4th edition, London and New York, Routledge.
- LEROI-GOURHAN, André, (1987). *O gesto e a palavra: Memória e ritmos*, vol. 2, colecção perspectivas do homem, Lisboa, Edições 70.